

Contos de Natal geralmente são melosos e chorumelentos. Há sempre alguém sofrendor de grandes olhos arregalados e uma alma com acesso de remorso ou de bondade. Este, posso lhes garantir, não é assim. Até porque a bondade raramente passava pelo coração do senhor Arq, carinhoso e oportuno apelido dado pelo pessoal do engenho a Archybaldo Souto, para ficar em apenas dois de seus nove nomes, visto que eram poucos os capazes de pronunciar o nome inteiro. É, o conto é ambientado naquela zona de transição entre a libertação dos escravos e a chegada do grosso dos imigrantes, quando a mão de obra na lavoura se tornou rara. Não que isso alterasse muito as coisas nestas fazendas amazônicas, visto que escravos havia poucos: a selva, velha conhecida dos ioruba e dos banto, que com ela conviviam na distante África, propiciava a fuga e os quilombos, desestimulando as compras pela dificuldade de manter a propriedade. Mas, mesmo assim, foi um golpe para os pais de Arq, acostumados a várias e diversas mordomias proporcionadas pelos escravos domésticos. E, é claro, para Arq também: da noite para o dia, os moleques em quem mandava e desmandava, batia e xingava, se tornaram inalcançáveis. Aqueles pretinhos agora fugiam. E alguns o desafiavam, mesmo, tomando a liberdade com as mãos, os pés, a cabeça e o sangue guerreiro que gritava neles repelindo os insultos.

Arq se preparava para o Natal. A fazenda não tinha capelania, de forma que a vinda do padre para celebrar a missa do Natal era um acontecimento. Mas tinha seu grupo de beatas, o terço obrigatório às seis da tarde, o catecismo enfiado na cabeça através das mãos, empurrado em bolos de palmatória. Arq recebia suas aulas e seus bolos em separado dos negrinhos; as palmadas, entretanto, eram iguais para ele como para os outros. Assim, pelas frestas da porta e das janelas da salinha onde ardia permanentemente uma lâmpada de óleo diante do crucifixo, a menina negra se vingava espiando Arq gritar de dor a cada resposta errada. A beata encarregada acreditava que aquela punição complementar, proporcionada pela plateia clandestina, ajudaria o seu pupilo a aprender mais depressa, embora o efeito fosse contrário: Arq, com raiva, tropeçava no Pai Nosso em todas as aulas.

Ora, os negrinhos agora eram completamente livres e a liberdade lhes permitia grandes risadas a cada grito de Arq. Além de que era proibido chorar: o menino branco ficava vermelho com o esforço de engolir soluços, lágrimas e raiva, o que divertia enormemente a criançada. Na saída dessas aulas Arq não encontrava ninguém. A garotada desaparecia, porque afinal de contas se tratava do filho do patrão, um filho d'algo cuja palavra sempre valeria mais do que a deles. Arq se desabafava no que encontrasse pela frente, inanimado ou não. E de tal forma que até as galinhas, que todo mundo sabe que não têm um pingote de cérebro, fugiam assim que o percebiam.

Pois Arq se preparava para o Natal: precisava decorar o “Venite Adoremus” que a beata de

ocasião encasquetara que ele deveria cantar na noite santa, acompanhado por ela própria ao piano, que martelava com gosto enquanto o pequeno se esganiçava:

*Adeste fideles, laeti triumphantes,  
Venite, venite in Bethlehem!  
Natum videte, Regem angelorum  
Venite adoremus, Venite adoremus,  
Venite adoremus Dominum.  
Aeterni parentis splendorem aeternum,  
Velatum sub carne videbimus;  
Deum infantem pannis involutem.  
Venite adoremus, Venite adoremus,  
Venite adoremus Dominum.*

Invariavelmente Arq tropeçava do “velatum sub carne videbimus”, da mesma maneira como todo mundo tropeça no hino nacional, entre “Brasil de um sonho intenso” e “Brasil de amor eterno”. Em vez de “velatum” cantava “venite” e um forte acorde do piano era seguido pela voz aguda da beata: “ve-la-tum” e pelos risinhos daqui e dali.

De tanto prestar atenção no Arq a meninada negra aprendeu a cantar do seu jeito:

*“Déste, fidéste, léti o elefante,  
venite, venite in Be-e-tlém.  
Nato vidéte régi ano loro,  
venite adoremó, venite adoremó,  
venite adoremó do-o-minó”.*

Às proximidades do Natal a beata desistiu da segunda estrofe do hino. Arq conseguiu então ensaiar corretamente, e ensaiou tanto que a música ficou na sua cabeça, repenicando. E repenicou até o momento em que ele se postou do lado do piano, e soaram os primeiros acordes. Aí, deu branco.

A beata olhou para ele e iniciou de novo. Arq, nada. Ela tocou pela terceira vez e então a meninada correu em socorro:

“Déste, fidéste...”

Arq tomou prumo e tentou controlar a situação, cantando a plenos pulmões, tentando sobrepor sua voz ao do coro improvisado. Não deu. As vozes brancas gritavam “venite, venite” e, quando soou o último acorde, o padre estava emocionado.

Tanto que nem percebeu a cara de escândalo da beata, o rosto horrorizado da dona da casa, a raiva contida nos olhos do pai e exposta na vermelhidão do rosto de Arq. Levantou-se da cadeira e elogiou

“a grandeza de alma dos que organizaram um tão belo coral, mostrando o verdadeiro espírito de Natal”.

Depois os brancos foram para uma mesa, do lado de dentro, os negros para outra, do lado de fora, Arq foi cumprimentado e a criançada negra se atirou sobre um raro café da manhã, temperado por uma doce desforra.

**Ana Monteiro Diniz (<http://amdiniz.blogspot.com.br>), 22/12/2013. Escritora e jornalista, nasceu em Oriximiná.**